

Mestre Marcelino Azevedo: uma história de resistência contada nas zabumbas do Bumba meu boi

Letícia Conceição Martins Cardoso ¹



As comunidades que dão vida às manifestações de culturas populares têm uma rotina que se confunde com a sua própria prática artística; seus modos de ser e estar no mundo, suas ações e valores estão associados ao universo simbólico da brincadeira² que

¹ Doutora em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Professora Adjunta do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, email: leticiaufma@gmail.com.

² As manifestações de culturas populares como o Bumba meu boi são chamadas de brincadeiras pelos maranhenses. Segundo DaMatta (1981), o termo brincar, que originalmente significa “colocar brincos”, tem a ver com as brincadeiras de criança, com o mundo da fantasia, do sonho, da magia, da representação, do lúdico.

integram. A comunidade do Bumba meu boi de Guimarães no Maranhão é um exemplo dessa experiência, sendo também marcada pelo forte pertencimento étnico e comunitário.

O protagonista de nossa entrevista, Marcelino Azevedo, pescador e lavrador, foi o líder do Bumba meu boi de Guimarães por 40 anos. Nasceu na comunidade quilombola³ de Damásio, pertencente ao município de Guimarães, situado a 660 quilômetros da capital São Luís. Nessa região de grande concentração populacional negra foi que herdou os saberes tradicionais do Bumba meu boi e também do Tambor de crioula. Em 1971, Marcelino registrou juridicamente a brincadeira que seus pais e avós praticavam, constituindo a “Associação Cultural e Folclórica Vimarense”, passando a viajar para fazer apresentações nos arraiais da capital durante o período junino e em outras festividades promovidas pelo Estado.

Reconhecido pelo Ministério da Cultura como mestre de saberes tradicionais da cultura brasileira, seu Marcelino faleceu em 06 de março de 2016, deixando as zabumbas de Guimarães nas mãos de seus filhos, num processo que remete há pelo menos três gerações, quando os avós dos atuais membros ainda brincavam o Boi, enfeitavam o novilho a ser ofertado a São João Batista por pagamento de promessa a uma dádiva alcançada.

A publicação desta conversa que tive com mestre Marcelino em outubro de 2012 por ocasião da tese de Doutorado é uma forma de registrar suas memórias – rica fonte de narrativas para pesquisadores das culturas populares – e também de homenageá-lo pela sua contribuição à cultura brasileira. Ele nos conta como essa brincadeira “de pretos e pobres” resiste há mais de 200 anos, constituindo uma linguagem do povo, a expressão do seu pensar e do seu sentir, que se estabelece numa relação conflitiva de apropriações, trocas e reelaborações com as classes predominantes, especialmente os setores políticos.

Letícia: Seu Marcelino, conte-me um pouco da sua trajetória de vida.

Marcelino: Tem 43 anos que eu brinco o Boi de Guimarães. Mas eu comecei a brincar boi eu tava com 12 anos. Então eu tenho 60 anos que eu brinco Boi. Eu ia levado por meu pai, meus

³ Na cidade de Guimarães - MA, existem as chamadas “terras de preto” ou “comunidades quilombolas”, definidas por Silva (2012, p.164) como áreas ocupadas “por descendentes de negros escravizados, que se autorreconhecem a partir das relações com a terra, num universo onde se entrelaçam parentesco, território, ancestralidade e práticas culturais específicas”.

tios, meus avós... Aí eu acompanhava, aí eu fui pegando o gosto. Meu pai brincava num boi de zabumba, lá de Damásio [quilombo situado no município de Guimarães].

Letícia: Nessa época de seu pai ainda não se falava em ser quilombola... O senhor se considera quilombola? O que significa ser quilombola para o senhor?

Marcelino: Eu sou. Eu não tenho muita instrução a respeito do quilombola, mas, explicado, é a pessoa que nasceu naquele lugar, naquela terra, e aquela terra ficou praquelas pessoas antigas, que eles moraram décadas, descendentes de escravos, trabalharam ainda na escravatura. Quando eu me entendi, eu ainda conheci gente que sabia que foi escravo. As velhinhas já tavam bem velhinhas, mas elas contavam alguma coisa. A gente novinho, a gente deixou na memória.

Letícia: Essas pessoas já brincavam Boi nessa época?

Marcelino: Já brincavam, mesmo escravos. O boi nessa época não era como agora. Ele era reprimido e era proibido de brincar em algumas partes, em praça... Eles brincavam mais era no quilombo. Porque eram tratado como baderneiro. É muito relativo isso. Depois, de uns tempos que eles [a sociedade] foram se acostumando e até quando eu comecei a brincar Boi eles já chamavam pra brincar na porta deles. Mudou o comportamento do pessoal, porque o pessoal [do boi], além de ser rebelde nesse tempo, era brigador o pessoal do quilombo. Eles formavam turma pra ir na festa só brigar. Agora é mais educativo, quer dizer, passou uma época aí, que era mais educativo. Eu, por exemplo, venho brincar Boi aqui em São Luis, mas eu venho com medo de violência. A gente abre o rádio de manhã, a televisão, a gente vê o que se passou ali tudinho, os jornais contam pra gente tudinho, então a gente já vive se vigiando.

Letícia: Este ano o Boi estava bem bonito, pelo que acompanhei. Quantos integrantes tem o Boi de Guimarães? Vocês tiveram alguma ajuda financeira?

Marcelino: Hoje tem 88 pessoas. Tem vez que tem mais de 100. Mas nós tamos trabalhando com dois carros (dois ônibus), super cheios. Ajuda só a do Governo mesmo, aquela tradicional. O governo paga 5 dias depois de brincar a festa de São Pedro [fim do São João], lá pelo dia 5 de julho dá uma parte. No dia 16, 17, por aí assim, de junho, dá a outra parte. Foram 10 apresentações, com cachê de R\$ 3.500, cada um. Aí dançamos com esse dinheiro. Agora, o prefeito é que não paga, quando paga, paga pela metade.

Letícia: Aproveitando que o senhor mencionou o Governo, vamos falar de política. Como é a relação do Boi de Guimarães com o Governo do Estado?

Marcelino: O Boi de Guimarães repercute muito, mas pro povo. Mas o governo daqui ele tá investindo mais nos Bois de orquestra e nos Bois deles mesmos próprio. Aqui, tem o boi Barrica é de governo, o Boi Pirilampo é de governo, o Boi da Maioba é do governo, pode-se dizer. Aí, esses Bois que mais cutucam eles lá, é o Boi que eles mais dão dança, dão ajuda.

Letícia: E o Boi de Guimarães cutuca o governo? Vocês têm uma tradição de serem bastante críticos...

Marcelino: Eu tenho uma coisa comigo de não pressionar o governo. Eles conhecem o Boi de Guimarães, é uma tradição que não falha. O Boi de Guimarães não engana ninguém, ele não faz trapaceirismo. Então, eles acham que eles fazem por nós. Agora, eles até fazem, mas menos do suficiente. E aí a gente não tem aquele, eu digo que é chaleirismo, né? Eu não chaleiro não! O que ele puder dar, ele dá. Eu não vou pedir. Do jeito que eles pagam, aí eu faço minha despesa, já cortando algumas coisa, que eu nunca faço como desejo mesmo fazer, porque o dinheiro não dá!

Letícia: Seu Marcelino, antigamente que não tinham os cachês do governo do estado para as brincadeiras, as toadas (canções) faziam mais críticas sociais?

Marcelino: Faziam, eram mais críticas... Porque se a gente criticar o governo aí que eles não dão nada pra gente. Ninguém quer receber crítica. Por exemplo, um candidato: você vai

criticar um candidato, ele rebate logo, diz que ele é isso, aquilo outro... e Fulano de tal tá excluído! E aí a gente não pode fazer uma crítica, muito embora merecendo, mas a gente fica com medo de ser retalhado, de sofrer consequência.

Letícia: Então, a gente pode dizer que é uma relação de troca com a política? Os políticos em geral pedem voto pro senhor?

Marcelino: Eles pedem. Eu voto com os políticos o ano todo, pros políticos de lá [de Guimarães] que são ligados com eles [o Governo Estadual], eu voto com eles. Eu voto porque o boi ainda sobrevive por causa do governo. Aí eu voto com eles pra não dizer que eu tô contrariando ou que eu sou de um lado político e quero a ajuda deles. É ajudar pra ser ajudado, né? Assim que se faz hoje em dia. Depois de eles servidos, eles não olham pra Marcelino, dono do Boi de Guimarães.

Letícia: É verdade que o Boi tem um candidato a vereador, o cantador Valmir? Ele se elegeu? Qual a importância de ter um político que seja brincante do Boi de Guimarães?

Marcelino: É. Mas, ele não ganhou, ficou como primeiro suplente. Porque lá em Guimarães, eles não sabe o que é cultura, o que é boi. A população faz a parte deles, mas os políticos não investe em nós. Então isso que é a desvantagem de Guimarães. Isso não é só o padre (atual prefeito) que faz isso. É todos eles. Eles digam que vão fazer pra cultura, mas quando se elege, eles procuram uma outra pessoa que não é da cultura, que é contra a cultura mesmo.

A secretária de cultura do município me procurou no carnaval. No primeiro carnaval, ela me procurou pra me trabalhar lá dentro com ela. Mas ela não me pagava porque a [Secretaria de] Cultura não tinha dinheiro. Aí, no final do Carnaval eu despachei ela... De graça eu não trabalho! Ela não tinha dinheiro pra pagar a gente. Ela disse que a prefeitura tava muito carente, agora, eu sou carente também! [Risos]

Letícia: O senhor comanda o Boi de Guimarães há 43 anos. Como é essa tarefa?

Marcelino: É muito difícil, mais difícil do que as pessoas pensam. O boi precisa da sua sustentação o ano todo, não é só no São João. Este ano [2012] eu ainda to devendo bumba-boi.

Letícia: Quais são essas dívidas? O que é preciso para botar o Boi para brincar todo ano?

Marcelino: Tô devendo o carro (o ônibus que transporta os brincantes), porque o carro eu tenho que contratar em São Luís, porque os carros de Guimarães não passam nas barreiras na estrada. Senão eu perco os contratos aqui [na capital], aí o governo não vai me suavizar, e eu perco dois, três contratos, que eu faço numa noite, aí não dá pra sustentar o pessoal... Isso aí é um prejuízo danado. Se eu tivesse um carro em Guimarães que viesse só trazer, trafegar com nós e voltava, era a metade. Eu pago 18 mil reais de carro pra trabalhar uma temporada pra mim, e ganho 35 mil [do Governo do Estado]. Ainda tem os instrumentos, as roupas, eu que mando fazer tudinho, seja bordar, fazer boi, tudo é pago. Eu ganho 35 pra pagar carro, comércio, quem faz essas coisas tudinho... não dá! E ainda tem a comida do pessoal quando a gente tá aqui na capital.

Letícia: Mas, antigamente a situação era diferente, né? As próprias pessoas produziam suas roupas...

Marcelino: Era. Mas antigamente era um outro patamar. O Boi não saía pra fazer turismo. Então a gente brincava, aquelas pessoas que eram invocados com brincadeira. Eles faziam as roupas deles como eles queriam fazer, como eles pudessem fazer. Hoje, não. O Boi tem que ser mais sofisticado. O vestiário dos brincantes tem que ser mais sofisticado.

Letícia: E por que o Boi tem que ser mais sofisticado hoje?

Marcelino: Para os turistas olharem o Boi mais bonito. Porque a gente saindo de Guimarães pra brincar um Boi aqui [em São Luís], a gente vai se encontrar com o turista. Cada pessoa que é entrevistado pelo turista, tem que saber dizer o que tá se passando com ele, ou se o turista olhar um desenho num Boi ou na vestimenta, ele quer saber porque que tá feito aquilo... Aí o cara tem que explicar!

Letícia: O senhor instrui os integrantes do Boi para falar?

Marcelino: Eles são tudinho instruído pra isso. A gente pra chegar a representar um Boi, véspera de São João, é um trabalho danado que eu tenho pra educar aquele pessoal todinho antes. É uma lição. É uma aula danada. Por exemplo, se o boi tem 80 pessoas, tem que instruir 80 pessoas. Nós fizemos uma indumentária nova este ano, então, essa indumentária, esse cara tem que conhecer tudinho o que ele tá vestindo, o que representa aquilo, aquele desenho, aquelas coisas tudinho. Se ele encontrar o turista, porque o turista chega na gente de surpresa, então, ele te pergunta tal coisa, aí o que tu vai dizer? “Ah eu não tenho o que diga pra ele!”. Não! Tem que dizer... Aí eu tenho botar na cabeça do pessoal o que tá certo e errado.

Letícia: Quem são os brincantes do Boi atualmente? A maior parte dos integrantes é de idosos ou já tem jovens? São alfabetizados?

Marcelino: São de Guimarães mesmo. Tem gente que não sabe ler e escrever. Tem gente dos anos 40, anos 30, nesse tempo era muito pouco colégio. Num tinha colégio pra tratar. Mas já tem uns jovens. Com os jovens tem hoje até fizemos uma reunião pra nós reparar quantos professores já temos brincando Boi. São cerca de quase 20 professores no boi, que isso já melhorou foi muito, até a nossa própria linguagem lá.

Letícia: E por que melhorou?

Marcelino: Porque eles chegaram mesmo pra somar com a gente. Eles entenderam que a brincadeira é valiosa. Então, tem uns que já tão aposentados, aí eles quiseram escolher essa atividade pra fazer. Eles levam a sério. Eles dão incentivo pra outras pessoas também, pra outros que tão entrando mais novos eles dizem pra não deixar a escola. A escolaridade pra nós lá no Boi é muito importante.

Letícia: O senhor lembraria agora de alguma toada que marca a história do Boi de Guimarães?

Marcelino: Ah, tem várias... Mas tem uma toada assim que a gente trata de hino do boi. “Vamo cantar o hino?”. Aí a gente canta. Deixa eu me lembrar da idade dela, ela não é muito velha. Ela tem uns 12 anos essa toada. O ruim é o início, se eu me lembrar o início eu lembro tudinho... é assim:

[cantando]

“Boi de zabumba é a nossa tradição
Os vimarantinos têm a força na mão
Bate forte, treme a terra, mas alegre o coração
Quem é devoto não erra na festa de São João
Você concorda comigo?
Veja se eu tenho razão,
Ele é um dos mais antigos deste nosso Maranhão
Quando me entendi achei esta grande animação
Eu então me agradei e formei meu batalhão
Todo ano eu tenho um Boi bonitinho de armação
Quem fazia pra nós era Cudunga
Hoje é Martinho Serrão
Tem seu vizinho que dá conta do recado
Mas na mão de Martinho é que eu tenho comprado
O meu dizer não será errado
O que eu vejo é só prazer pra todo lado
O bonito é pra se ver
Se protegido do agrado
Presta sentido que o mais querido é a raça do nosso gado”

Letícia: Essas toadas, o jeito de brincar são passados de geração a geração?

Marcelino: É de geração a geração... Por isso que a gente conhece as toadas porque fica pra todo tempo. Os mais novos vão aprendendo com os mais velhos.

Letícia: O Bumba meu boi do Maranhão recebeu do IPHAN o título de patrimônio cultural do Brasil em 2011. Como o senhor viu essa conquista?

Marcelino: Ah, foi uma honra muito grande pra nós. Só depois que eu recebi isso daí, esse negócio, eu já fiz três reunião com o meu povo a respeito disso. É patrimônio cultural brasileiro, mas nós que recebemos essa importância e sabemos que tem, mas é que os políticos não são chamados pra essas coisas, principalmente do interior. Tá se fazendo uma porção de prefeito hoje. Eles sabem o que eu sei sobre cultura? Não sabem, nem querem saber! Ficam é com medo de se encontrar comigo, com aquele preconceito. "Rapaz, Marcelino eu não quero pra ele encostar aqui porque ele vai é pedir". Eles querem pra gente viver mendigando, submisso a eles. É uma coisa que eles tem obrigação de fazer, mas não faz.

Letícia: Então, o título de patrimônio não trouxe benefícios para vocês?

Marcelino: Só tem 4 ou 5 Bois que são beneficiados no Maranhão... Os outros Bois ganharam o título também, mas vai enferrujar, porque não tem apoio, é uma tristeza para os Bois pequenos. Até uns 10 anos atrás [referindo-se ao Governo de Roseana Sarney] o governo chamava a gente pra explicar alguma coisa sobre cultura, hoje não. Não tem diálogo... Assim como você tá procurando eu pra dar essa entrevista, eles podiam dizer: "Eu quero pra vocês me explicar alguma coisa que tão sentindo na comunidade de vocês, queremos saber mais sobre vocês...". Não eles não fazem isso. Quem brinca boi é a sociedade menos favorecida, somos excluídos. Mas, se a gente disser que é preciso mais um dinheirinho, a gente é cortado porque a gente não é ouvido nem atendido.

Letícia: Seu Marcelino, se as dificuldades são tantas porque continuar fazendo bumba-boi?

Marcelino: Eu continuo fazendo boi porque isso tá no sangue de cada pessoa cultural. Não é porque a gente faz Boi todo ano, que todo ano ele tem uma representação que preste, mas a

gente faz como o lavrador: se ele faz uma roça este ano, apodrece tudinho, mas ele tem que fazer outra no outro ano. Porque ele é lavrador! Ele não vai sair da terra dele pra ir pra outro canto fazer outra coisa. O que ele vai fazer? Roçar de novo!

Letícia: Pra encerrar nosso bate-papo, como é que o senhor se define?

Marcelino: Eu me defino fazendo boi! Quando eu não era aposentado eu fazia boi, quem dirá agora! Eu gasto meu dinheiro fazendo boi. Não posso viver sem fazer Boi. Eu me sinto muito satisfeito. É uma honra pra cada um de nós, não é só pra mim, todo pobre que faz boi, nesse dia [da representação] ele tá realizando um sonho. Por isso que uma cantiga nossa diz assim:

"O povo anda dizendo que esse boi é de rico,
Mas isto é novidade.
Ele foi feito no meio de pobreza
Mas são pessoas que trabalham e são abençoado
E tem Deus a sua riqueza".